

## EDUCAÇÃO E ESPERANÇA: UMA CONTRIBUIÇÃO DE GABRIEL MARCEL E MARTIN BUBER SOBRE O PAPEL DO EDUCADOR EM MEIO À VIOLÊNCIA

Valber Oliveira de Brito<sup>1</sup>  
valberbrito@yahoo.com.br

Desejamos, apenas, que ponhais todo o empenho em guardar inata a vossa esperança até o fim (HEB 6, 11).

**Resumo:** O presente trabalho traz os resultados da investigação teórica e empírica, em torno dos quais analisamos as relações intersubjetivas que envolvem o sentimento de esperança vivenciado por educadores e que são construídas no universo escolar, especialmente em meio à violência que se encontra nas escolas nos tempos atuais. Para isso recorremos, em especial, à noção de diálogo presente, sobretudo, em Martin Buber e à noção de esperança, como compreendida por Gabriel Marcel. Tangenciando essa discussão, analisamos empiricamente a relação que existe entre o papel do educador e a tensão existente entre pessoa e instituição, tendo como foco os teóricos Emmanuel Mounier e Paul Ricoeur. As análises dos relatos dos educadores mostram que há esperança em meio ao caos e à violência.

**Palavras-chave:** Educação. Gabriel Marcel. Martin Buber. Diálogo. Esperança.

**Abstract:** This paper presents the results of theoretical and empirical research on interpersonal and social relationships whose meaning is guided by the feeling of hope experienced by educators and built into the universe of school, especially in the midst of violence in which the school is steeped in modern times. For this we use the concept of dialogue in Buber's thought and the concept of hope in Gabriel Marcel's thought. Alongside this discussion, we analyze empirically, on the one hand, the relationship between the role of the educator and the school and, on the other hand, the tension between person and institution, having as theoretical support the thoughts of Paul Ricoeur and Emmanuel Mounier.

**Keywords:** Education. Gabriel Marcel. Martin Buber. Dialogue. Hope.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal realizar uma breve apresentação acerca dos resultados e das principais noções norteadoras da dissertação de mestrado intitulada “Educação e Diálogo: o papel do educador em meio à esperança”<sup>2</sup>. Essa pesquisa contou com a colaboração de 17 professores da rede pública de ensino de Belém do Pará, sendo a maioria docente de escolas do bairro do Guamá da referida cidade<sup>3</sup>. Longe de esgotar todas as discussões presentes neste trabalho, este

texto pretende ser um convite à leitura e à reflexão mais profunda desses autores, principalmente no que tange à esperança e à educação.

É importante salientarmos o contexto em que se encontram os professores que aqui se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa, para então entendermos como é construído o sentimento de esperança que, de acordo com Marcel, deve ser entendida como não sendo nem desejo nem otimismo, situando-se numa outra ordem, a saber, a do ser que atravessa uma situação de prova, pessoal ou coletiva. Em suas palavras, “la verdad es que solo puede haber, propiamente hablando, esperanza donde interviene la tentación de desesperar; la esperanza es el acto por el cual esta tentación es activa o victoriosamente superada [...]”. (MARCEL, 2005, p.48).

Violência, medo, angústia, falta de esperança e de amor, são algumas palavras pronunciadas pelos educadores acerca do contexto em que vivem. Mesmo sendo bastante comum ouvirmos isso em muitos trabalhos sobre violência nas escolas, é importante colocarmos aqui os relatos de professores que podem carregar dentro de suas vivências experiências diferentes. Cada ser é único, singular; traz consigo uma possibilidade de existência em meio aos mais variados contextos. É mister lembrar que muitos desses relatos foram ouvidos por mim ainda durante minha atuação no projeto de extensão universitária “Peregrinos da paz”<sup>4</sup>, da Universidade Federal do Pará, do qual faço parte desde 2006 até hoje. A vivência neste projeto de extensão foi o primeiro contato que tive com um ambiente escolar, o que me proporcionou uma mudança de olhar. Mas voltemos para o trabalho aqui em questão.

De acordo com os relatos dos educadores, existem situações dentro do contexto escolar nas quais se sentem como em um beco sem saída, principalmente quando os problemas fogem da realidade escolar e envolvem a família, como o caso de violência doméstica. Aqui surge uma questão sempre presente nos discursos dos educadores: como se colocar diante de uma situação conflituosa em que há a possibilidade da família ser causadora de maus tratos? Aqui professores são unânimes em concordar com a necessidade de uma intervenção escolar, em que o educador, por sua vez, possui um papel fundamental. Porém, foi comprovado nesta pesquisa que em vez de recorrer aos procedimentos recomendados pelo Estatuto da Criança e da Adolescente (ECA), os professores buscam, na maioria das vezes, resolver os problemas dentro da escola, chamando os pais para uma conversa sobre a situação de seus filhos. O discurso utilizado para tal postura é de que os pais não têm compreensão das consequências de seus atos sobre seus filhos e, portanto, precisam ser informados. Porém, não devemos negligenciar a situação de medo e angústia que os professores vivenciam constantemente, em seu dia a dia. Mesmo não passando diretamente por uma experiência semelhante

a essa, alguns professores relataram sobre colegas que já vivenciaram situações de violência, como agressividades, apatia, desatenção, desrespeito, roubo, morte, etc.

Outro fato relatado pelos educadores e que faz parte do contexto educacional foi o de ter que trabalhar muitas vezes nos três turnos, ora obrigada pela instituição, ora para compensar os baixos salários recebidos pelo seu ofício. Tudo isso somado ao número excessivo de alunos nas turmas, que giram em torno de 45 alunos por turma, acaba resultando em estresse, cansaço, o que prejudica o rendimento desses profissionais durante as aulas e principalmente a saúde.

Os dados empíricos nos mostram ainda que o contexto escolar pode trazer outras situações-limite, em que o papel do professor pode ser posto em xeque, a saber: 1 - O número de aprovados nos vestibulares públicos fala mais alto do que qualquer regra que queira pensar o bem-estar dos alunos; 2 - A profissão não possui o mesmo prestígio de outras profissões; 3 - A remuneração pela sua atividade docente está aquém do razoável para uma vida digna; 4 - As inúmeras exigências da instituição e o risco de sofrer retaliações, caso não seja eficiente nessas tarefas; 5 - Infinidades de problemas que fogem da realidade escolar.

Este é um breve retrato do contexto vivido pelos educadores que aqui se disponibilizaram a compartilhar parte de suas vidas escolares. Vidas carregadas de muito medo, insegurança e tristeza ao ver seus alunos se envolvendo com drogas, assaltos, morrendo precocemente, como foi apontado diversas vezes pelos professores que ajudaram nessa pesquisa. Pessoas que possuem, na maioria das vezes, suas memórias de dor e abandono negligenciadas. Porém, como foi comprovado com a pesquisa, neste mesmo contexto pode germinar outro sentimento. Podem surgir experiências que indiquem a existência de uma realidade que transcende o mero cálculo e a fria técnica. Que com muito mais força pode promover mudanças de olhar e de vidas: a esperança.

## **1 A VIVÊNCIA DA ESPERANÇA NO ÂMBITO EDUCACIONAL**

Como resultado do mal que aflige a humanidade, resultante da primazia da racionalidade instrumental, ou nas palavras de Martin Buber, preeminência da relação eu-isso no mundo moderno, vários críticos, como os filósofos do existencialismo, procuraram lançar um olhar para essas questões, dando ao mal que atormenta a humanidade o nome de solidão, trevas, vazio, náusea, incomunicabilidade; ao que se pode ser acrescentado, sob uma perspectiva cristã, outros nomes, como o pecado, afastamento de Deus, ódio, violência, avidez, orgulho, etc. Tudo isso é o retrato dramático da vida no mundo moderno. A partir desse retrato poderíamos cair na tentação do desespero, pois nossa condição imediata não nos mostra saída ao que nos parece mais como um círculo vicioso. Porém, existem autores que, inseridos nos mais variados contextos (com diferenças e semelhanças de

abordagens), mostram-nos que o ser humano é movido por uma inquietação e um sentimento insuprimível: a esperança. Tais autores nos incitam a ver o ser humano como mistério, portanto não determinado, não podendo ser tematizado; logo, o tempo está em aberto. Nisto reside a importância da esperança, que tem a figura de Gabriel Marcel e Martin Buber como autores que nos proporcionam o sentido da esperança com o qual foram analisados os dados empíricos da pesquisa supracitada.

Entre os autores que trabalham a temática da esperança temos Ernst Bloch e sua obra *O Princípio Esperança* (2005), Jürgen Moltmann e sua *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã* (2005), além da encíclica *Spe Salvi* (2007), do Papa Bento XVI e outros. Apesar de estas obras serem importantes e complementarem-se no que tange à esperança, adotamos como foco teórico para a nossa análise empírica Gabriel Marcel e Martin Buber e suas respectivas noções de esperança e de diálogo no que diz respeito a como são construídos o sentimento de esperança vivenciado pelos educadores.

Concordo com Zilles (1988, p. 104), quando afirma que “pensadores como o teórico marxista Ernst Bloch e o escritor Eric Fromm dedicaram-lhe amplo espaço. Mas, na obra de Gabriel Marcel, o tema da esperança é uma constante”. Marcel nos apresenta uma esperança que está para além de qualquer teologia, de otimismo militantes, de racionalizações e de qualquer religião (porém sem esquecer a importância da vivência de uma religiosidade como abertura para a alteridade do futuro). Para o filósofo francês, a esperança é traço constitutivo da experiência pessoal, porém em um sentido totalmente diferente. Ele não vê, de modo algum, aumento ou redução naturalista, nem sequer a pura identificação com o otimismo e com o desejo, que são vinculados à simples espera. Marcel nos apresenta uma esperança na qual as experiências de cativeiro e abandono são as condições efetivas que a tornam possível. “Na visão de Marcel, o homem é itinerante, ou seja, *homo viator*. É ser encarnado a caminho do sentido da vida. Neste caminho, a esperança é a abertura do ser encarnado. A esperança leva-nos a contestar tudo que já existe”. (ZILLES, 1988, p. 10). Esta esperança se encontra na esfera do diálogo, como entendido por Martin Buber. De acordo com Mendonça (2009, p. 48), “apesar de suas singularidades filosófico-religiosas, Gabriel Marcel e Martin Buber trocaram correspondência. O primeiro reconheceu sua dívida para com a filosofia do diálogo de Buber”.

Ao apresentarem suas críticas sobre os malefícios do mundo moderno, aqui se acrescenta também os diagnósticos apresentados acima acerca do contexto vivenciado pelos educadores, estes autores nos dão um novo olhar. Nas palavras de Mendonça:

Pensadores ancorados em uma percepção teísta como o foram Martin Buber e Gabriel Marcel, entre outros, irão buscar a superação desse dilema em algo que ao final, mesmo sem segurança alguma, como dizia Buber, remete à esperança e à possibilidade de encontrar uma luz ao final do túnel. Em razão disso, Buber e Marcel são autores importantes para se pensar a educação enquanto possível saída,

mesmo sem garantias, porque não há garantias aqui, a não ser uma 'estreita aresta', para usar a expressão cara a Buber (1980), para o drama da crise de valores enfrentados por este século e porque, paradoxalmente, a educação digna desse nome, para usar uma outra expressão de Buber, exige esperança em meio a dor (MENDONÇA, 2009, p. 48).

A esperança não consiste em aceitar uma situação que se impõe. Para Marcel (2005), a esperança se situa na ordem do ser que atravessa uma situação de prova, pessoal ou coletiva. "Atua na vida como uma força secreta, no meio da noite, envolvendo o homem, o capacita para resistir ao desespero" (ZILLES, 1998, p. 105). A esperança parte da experiência concreta do "eu espero", da concepção que o homem é um ser a caminho ou *homo viator*. É importante colocarmos aqui o entendimento de esperança de Marcel, para então passarmos à análise dos relatos dos professores: "A esperança é essencialmente a disponibilidade de um espírito que se engaja o bastante intimamente numa experiência de comunhão para realizar, apesar de toda vontade e do conhecimento, um transcendental, o ato que estabelece a regeneração vital de que esta experiência é, ao mesmo tempo, a razão e primícias (MARCEL, 2005, p.79).

Como vimos no tópico anterior, situações de prova, de catividade, de desespero são constantemente vivenciadas pelos educadores. Porém, a vivência do sentimento de esperança como resistência a esse contexto também foi lembrado pelos educadores, como mostra o texto a seguir:

No momento em que comecei a ensinar me deparei com ensino precário, com situações conflitantes que não eram do meu cotidiano: situação de morte, de invasão de escola, onde tínhamos de evacuar a escola o mais rápido possível porque ela é localizada no centro da linha vermelha. Mas é isso. Você fica resistindo ali com sua **esperança** de que com o pouco que você faz você tá mudando vidas e fazendo a diferença de alguma forma. Isso é o retrato do educador e não do professor. O professor é aquele que só professa a aula, que está ali pra passar só conteúdo; mas o educador vai além, se preocupa, conversa, leva o que sente sobre a vida (Informante A).

Ao ser perguntado aos educadores se em suas praticas docente identificavam o sentimento de esperança, memórias de fatos e eventos vieram à tona. É indispensável lembrar que a esperança defendida neste trabalho, a esperança de Marcel, a esperança contida na memória dos professores acerca de fatos e eventos que marcaram ou marcam esse sentimento, estão intimamente ligados à noção de diálogo de Martin Buber. As noções de diálogo e de educação de Buber nos levam a compreender que não podemos perder de vista que o professor possui uma posição hierárquica em sala. Professor e aluno são mediados por papéis sociais. Lembremos ainda que a relação professor/aluno em sala de aula inevitavelmente é assimétrica, da mesma maneira que é a relação entre médico e paciente. Isso é natural na relação social. Porém, existe outro tipo de vivência, de relação em nossas relações intersubjetivas, muito mais fecunda, como nos indica o filósofo. Aparentemente trata-se de algo que acontece a toda hora, algo banal; "Quando olhamos para alguém, quando lhe dirigimos a palavra, é com um movimento natural do corpo que a ele nos voltamos; porém,

na medida do necessário, quando a ele dirigimos nossa atenção, fazemo-lo também com a alma” (BUBER, 1982, p.56).

O movimento dialógico é vivência, é relação. É uma experiência concreta de um evento em que o movimento básico dialógico consiste no voltar-se-para-o-outro, em alguma situação cotidiana. A partir disso, perguntou-se para os professores se em algum momento de suas vidas profissionais em sala de aula tiveram um instante de um pequeno gesto, ou de uma profunda emoção, ou contato muito profundo, mesmo que durasse segundos, com uma criança ou com um jovem, ou até mesmo com um colega de profissão e demais membros do corpo docente. Vivências que marcaram ou marcam esse sentimento foram relatadas, como o caso de um educador que vivenciou um caso de abuso sexual envolvendo uma aluna, em que a vítima era enteada do acusado. De acordo com seu relato, foi um momento muito forte e sentiu que deveria intervir de alguma forma, mesmo correndo risco de sofrer retaliações por parte do agressor. Ao final de seu relato disse: “O que me faz seguir essa profissão é o amor”. Lembremos mais uma vez de Marcel. Para ele, a plenitude da esperança só se dá onde existe um intercâmbio espiritual, a participação, ou seja, o amor. Não se podem separar amor e esperança. “Es precisamente allí y solo allí donde existe este amor, donde se puede y se deve hablar de esperanza, pues este amor se encarna en una realidad que sin él no sería lo que és” (MARCEL, 2005, p.69). A esperança situa-se na ordem da fraternidade, do nós, não propriamente do eu. Um ser sem amor, segundo Marcel, não pode ter esperança. Assim, “O ser, que espera e está interiormente ativo, não espera para si mesmo, mas espalha luz e calor ao seu redor, porque a realidade pessoal de cada um é por si mesma intersubjetividade” (ZILLES, 1988, p. 107). Podemos, então, compreender a atualidade do pensamento de Marcel nos relatos dos educadores. Da mesma maneira Buber. Com sua noção de diálogo é possível compreender a necessidade de um mínimo de abertura para que possamos realizar o movimento básico que denomina de dialógico. No caso do professor que relatou o fato acima, é visível a sua postura dialógica, na medida em que, a partir de uma experiência concreta, consegue transcender o encargo social que lhe cabe, em que o outro se apresenta como pessoa e não como representação. O mesmo educador acrescenta:

Então, quando a vejo agora, uma moça já formada, me agradecendo até hoje de ter ajudado, vi a importância que tenho como professor; como posso mudar a vida das pessoas, dos meus alunos, acreditar que eles, assim todo mundo, tem falhas, porém somos a direção. Continuo como professor porque eu gosto, porque eu tenho amor. Por mais que eu não ganhe tanto. Eu gosto disso! Eu continuo por amor. Por saber da importância que eu tenho para meus alunos, como todos nós temos (Informante I).

Evidenciou-se por meio das narrativas dos professores que, como apontado por Marcel, amor e esperança caminham juntos, levando muitos a transcender a realidade imediata que os cercam, superando, assim, a tentação de concentrarem-se sobre si mesmo, em uma postura egoísta. O

sentimento de esperança, neste sentido, possibilita o “exorcismo de desespero”, para usar a expressão de Gabriel Marcel. Ricoeur (1968) diria ainda que o amor pelo próximo descentraliza o eu, fazendo voltar-se para o outro em um ato de oferta que permite que se possa descobrir inconcebíveis profundidades. O próximo “é a maneira pessoal pela qual me encontro com outrem *para além de toda mediação social*; é o encontro cujo sentido não deriva de *nenhum critério imanente à história*.” (RICOEUR, 1968, p. 110). Logo, o próximo é uma atitude que tenho diante de qualquer um que encontro, independentemente de quem seja. O evento do encontro com o outro como meu próximo livra o homem do abraço mortal de uma identidade rígida consigo mesmo, fazendo-o prender-se, enfim, ao vínculo libertador das possibilidades infinitas, nas quais, cada vez que elas aparecem, a vida é sentida como apelo e como dom. Isso é o que Ricoeur chama de *solicitude*. Um movimento do eu na direção do outro, movimento este que é uma resposta ao chamado que o outro me fez.

A importância que os mesmos têm para os seus alunos é outro aspecto a ser ressaltado no que diz respeito à esperança. Em muitos discursos dos professores (como o citado acima) foi evidente a necessidade de um cuidado com a postura adotada diante do aluno, pois podem ser que aqueles estejam sendo referência para estes. Em outro depoimento, uma professora contou sobre uma criança que tinha sido abandonada pela mãe. Em seu relato estavam presente alguns dos males do mundo moderno: ausência de referências, famílias desestruturadas, ódio, indiferença, inversão de valores. Mas, ao mesmo tempo, o relato mostrou solidariedade, como o ato de uma vizinha que acolheu a criança, e do educador que, em termos cristãos, olhou aquela situação com olhar de misericórdia ou, em termos buberianos, assumiu uma postura dialógica diante da criança e se disponibilizou a ajudar. Mas nem sempre é fácil viver uma situação igual a essa. Alguns relatos mostram que a tentação do desespero, no sentido que Marcel (2005) confere ao termo (ou seja, admitir que a vida carece de sentido, que o tempo está fechado, um sofrer por antecipação, um suicidar-se), é bastante presente. A tensão entre desespero e esperança é constante.

Os discursos dos professores sugerem, como bem indicou Marcel, que é preciso vivenciar a prova. Podemos confirmar que, a partir das vivências dos educadores, a base da esperança é a consciência de uma situação que nos convida a desesperar. Marcel nos dirá que há situações que me dizem não haver mais saída para determinado caso, porém, como podemos ver na situação acima, há outros tipos de eventos que me dizem haver uma realidade que transcende a situação de caos, de desespero. Marcel (2005) dirá que desesperar é admitir que a vida não tem sentido, e está relacionado com a solidão. Os dados empíricos nos revelam também, como sugerido por Buber e Marcel, que a esperança se dá sempre na relação com o outro, ao se assumir uma postura dialógica, que ultrapassa os encargos sociais vivenciados inevitavelmente em nossas relações.

A necessidade da confiança para uma melhor relação entre professor e aluno foi outro aspecto observado que é digno de registro. Notemos que aqui, quando falamos em educação e analisamos os dados empíricos, a noção que temos e defendemos é a de que o educador deve adotar uma postura para além de mero transmissor de modos de ser diante dos alunos. Como muito bem lembra Buber (2003), ética não pode ser ensinada, mas comunicada indiretamente pelo mestre, pelo seu exemplo, pela relação de confiança estabelecida.

Notou-se, com a pesquisa, que o sentimento de esperança que orientam os educadores não são construídos por intermédio de aulas sobre moral, onde são apresentados modos de ser. Nem se utilizam de astúcia, utilizando-se da racionalidade instrumental para obter resultados eficientes. Como muito bem lembra Buber (2003), tais pretensões são ineficazes. “Na perspectiva buberiana bastam apenas a vontade, a presença e a consciência por parte do educador do papel que ele tem diante do aluno” (MENDONÇA, 2009, p. 52). É evidente em nossa análise teórica e empírica que o sentimento de esperança que orienta os professores parte de experiências concretas, de pequenos atos e gestos do cotidiano em meio ao contexto escolar violento. Atos, eventos, gestos, experiências de vida que são intraduzíveis, mas que podemos nos aproximar. Parte de uma abertura em direção ao outro, de uma postura dialógica, já diria Buber. Tal postura pode possibilitar ou não (Buber deixa muito claro em suas obras que experiência da relação Eu-Tu não é uma obrigação, ela poderá ou não ocorrer) ao homem enxergar o outro como pessoa, como próximo, no sentido que Mounier (1967) e Ricoeur (1968) conferem aos termos.

Lembro aqui de uma educadora que viveu um evento dialógico. Essa professora tinha uma relação muito complicada com um aluno que, de acordo com ela, era bastante indisciplinado e agressivo. Porém, em um dia que parecia que iria ser igual aos outros, ele chegou a ela e lhe pediu um abraço. Ela, meio que não acreditando, aceitou. Foi aí que sentiu algo diferente, algo que nunca sentira antes. Em suas palavras, soube apenas dizer que “sentiu um bem muito grande”. Daquele dia em diante a relação mudou. O aluno continuou com o mesmo comportamento peculiar a sua idade, com suas brincadeiras e peraltices, muitas vezes prejudicando as aulas. Porém, algo havia acontecido. A relação havia mudado. De acordo com a professora, o aluno deixou de ser agressivo com ela. Se olharmos para esse evento com as lentes de Buber, podemos afirmar que, no momento em que o aluno pediu o abraço, ele estava inteiro. Não havia cálculo, como ocorre na maior parte do dia de uma pessoa. E a professora, como não se fechou para o evento, facilitou para que ocorresse vivência da relação Eu-Tu. Segundo a professora, foi um momento breve, mas que significou muito para ela.

Outro depoimento marcante foi vivenciado por outra professora com seu aluno, por quem tinha um afeto muito grande. Porém, em certo dia, sentiu a sua falta, pois não a tinha visto na sala. Posteriormente foi avisada que ele havia sido assassinado em sua casa. Ao contar esse fato, a

professora caiu em prantos, afirmando que deu vontade de desistir de tudo. Porém, com essa experiência, ela percebeu que seus alunos precisavam dela, que não poderia desistir, e que, apesar da tristeza que passou, ainda acredita no ser humano, que tem esperança de que seus alunos escolham o caminho do bem. Em termos buberianos, o aluno não estava mais presente diante da professora, ele já havia partido. Porém, a professora estava em uma relação Eu e Tu com o aluno. Ela estava presente diante da memória dele, da imagem dele, de sua lembrança. Momentos como esse, para Buber, dificilmente se apagam.

## **2 O PAPEL DO EDUCADOR EM MEIO À ESPERANÇA**

É assim que são construídos os sentimentos de esperança vivenciados pelos educadores em meio ao ambiente escolar violento. Diante da certeza da vivência do sentimento de esperança pelos educadores que aqui colaboraram para a conclusão deste trabalho, cabem mais algumas perguntas: Diante dessa vivência, qual o papel do educador? O que os mantêm como professores? O que faz com que não tenham procurado outra coisa? A resposta para tais questionamentos só confirmam o que foi dito anteriormente: o sentimento de esperança:

Eu tenho esperança no ser humano. Sempre. Eu acho que a criança precisa muito de alguém pra orientar ela, sabe. E agente como professor às vezes não sabe como a gente é importante pra uma criança. Vai saber depois, depois de muito tempo o quanto fomos importante, o quanto ajudamos positivamente. Eu acho que o que me mantêm, mesmo com toda a dificuldade da profissão, é a esperança no ser humano (Informante J).

Evidenciou-se na pesquisa que alguns professores não tiveram incentivo de suas famílias. Ressaltaram que o motivo pelo qual eram desanimados a ingressar nessa profissão porque o retorno financeiro não compensa. Entretanto, por se identificarem e gostarem da profissão, por acreditarem em uma educação melhor, em um futuro melhor, resolveram persistir, mesmo em um contexto adverso, como destacado anteriormente. Turmas superlotadas, alunos sem esperança, repetentes e desacreditados — foi o que uma das professoras encontrou em sua primeira turma em uma escola pública estatual de Belém. Porém, por acreditar no ser humano, continua peregrinando pela estrada da esperança. Podemos identificar nas narrativas dos educadores que a esperança que os orienta não aceita simplesmente a situação que é imposta. Porém, essa não aceitação de determinada situação não significa revolta. Logo, recordamos mais uma vez de Marcel (2005, p. 51), para quem a vitória da esperança sobre a situação de prova caracteriza-se mais como um processo de libertação do que como uma rebelião; a esperança seria uma espécie de não-aceitação positiva, diferente da revolta. Consiste em ter confiança em certo processo de crescimento ou de amadurecimento, que nos conduz à libertação. O filósofo destaca ainda que a esperança transcende a imaginação; nas situações de

doença, cativo, exílio o que esperamos é a libertação. Isso nos faz perceber o elo íntimo que existe entre esperança e liberdade. Esperando a libertação, de certo modo a condiciono e a favoreço, mesmo que não se possa chegar a falar de “eficácia causal” da esperança. Apesar de reconhecerem a importância do compromisso de ser um educador para a sociedade, muitos reconheceram que é difícil ser professor hoje e a tentação de desistir persiste, mesmo em meio à esperança.

O reconhecimento por parte de alunos e pais de alunos é algo que faz com que permaneçam como professores. O fato de saber que seus ex-alunos não se desviaram para a criminalidade é outro ponto importante também.

Outro episódio interessante foi o de uma educadora que trabalha em duas instituições distintas, sendo que em uma delas ela trabalha como docente, e na outra área administrativa, bastante burocrática. Com cerca de dezesseis anos de profissão, é na escola que ela se vê tornando-se uma pessoa melhor; é na escola que se sente mais acolhida e onde consegue partilhar experiências com mais pessoas, ainda que o salário não compense a realidade vivida pelos docentes em geral. Em outro relato, uma professora resume o que sente em relação a sua atuação como educadora:

Às vezes eu considero que sou a pior das artistas. Tento lapidar a pedra (alunos), mas às vezes eu não consigo. Mas lá na frente há a possibilidade dele (aluno) fazer algo... lá na frente... no futuro (Informante H).

Este é o papel do educador em meio à esperança e em épocas de desespero como a nossa. Consiste em não aceitar simplesmente uma situação que se impõe. É ter confiança. É compreender que temos responsabilidade ética para com o outro. Para além de qualquer cálculo de probabilidades, é preciso vivenciar a prova. Nesse sentido, em oposição ao desespero, da esperança, surge um sentimento que nos leva a não aceitar e enfrentar a situação de trevas (MARCEL, 2005). O tempo é aberto e a realidade não é fechada. O outro aqui não é meu adversário, mas sim tem algo a me oferecer. A situação desesperadora em que nos encontramos não é para sempre. Há uma saída. Há esperança. Há um sentido para vida. Como ficou evidente nos relatos, o desafio à educação hoje é recuperar o sentido da vida: “Diante da construção histórica de uma cultura da violência o desafio da educação, após séculos de domínio de tais valores é subvertê-los e construir uma cultura voltada para a recuperação do sentido da vida. Tudo a mais será resultado disso” (MENDONÇA, 2009, p. 50). Desse modo, “aqui a relação dialógica, em suas dimensões privada e política, antes que ser essencialmente violenta é, na verdade, uma travessia em direção ao outro, ocorrendo no sentido de olhá-lo como igual em sua condição humana e sacralidade.” (MENDONÇA, 2009, p. 51). Desta feita “aquele que, sendo ou não meu adversário, compartilha comigo uma raiz fundamental, que é a humanidade. Aquele pelo qual tenho responsabilidade”. (MENDONÇA, 2009, p.51). O desafio da educação será de ser um sinal de esperança em um mundo marcado pela indiferença, pelo ódio, pela

falta de referências e ausência de valores que edifiquem o caráter de crianças de jovens e crianças. “Educar, pois, em tempos sombrios e marcados pela barbárie exigirá um campo germinado por esta espécie de esperança” (MENDONÇA, 2009, p. 56). Isso só pode acontecer, diria Buber, numa parceria viva, ou seja, “quando numa situação comum com o outro me exponho vitalmente à sua participação nesta situação como realmente sua” (BUBER, 1982, p.148).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a escola, Moacir Gadotti sentencia que “já falamos muito mal da escola [...] precisamos falar mais e melhor de nossas escolas, de nossa educação” (GADOTTI, 2007, p.11). Em seu entendimento, do qual comungo, os professores são sempre apontados como um dos culpados dos múltiplos problemas vivenciados na instituição escolar. Sem negligenciar os problemas e conflitos que inevitavelmente surgem no ambiente educacional, como os que foram explícitos pelos relatos dos educadores entrevistados neste trabalho. Acreditamos e concordamos que:

Mas é na escola que passamos os melhores anos de nossas vidas, quando crianças e jovens. A **escola** é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor (GADOTTI, 2007, p. 11).

Uma das conclusões que foi obtida por meio de nossa investigação é a de que, ao longo do tempo, mais precisamente com o advento do mundo moderno, produziu-se uma crença desmesurada no poder da razão. Porém, o progresso da ciência não conseguiu dar conta do campo de compreensão da realidade do homem. Críticos como Martin Buber e Gabriel Marcel apontam que tal crença no poder da razão e na supremacia da ciência provocou uma verdadeira coisificação do ser humano, em que as relações são mediadas pelo cálculo, pela racionalidade instrumental, tal como diagnosticado por Weber. Apesar deste tipo de relação não ser um mal em si, sempre existirá a possibilidade do ser humano deixar-se dominar exclusivamente por este tipo de relação. Aí sim passará a ser um mal. Afirmamos, portanto, que é quando há o predomínio deste tipo de racionalidade em nossas relações interpessoais que germina a violência. Este fato não exclui a educação em tempos modernos. Assim, o predomínio da relação Eu-Isso atua de maneira sutil em nossas escolas, permeadas por uma visão mercadológica de educação, que incita a competição, o cálculo, a padronização do ser humano, a indiferença, etc. É em meio à perda de sentido da vida e à rendição do homem à esfera da relação instrumental, ou nas palavras de Buber, à relação Eu-Isso, que a nossa educação nos dias atuais está inserida.

Porém, a vida é essencialmente incerteza e risco, e o homem, igualmente, um projeto em aberto; logo não é algo fechado, mas dinâmico e artífice do próprio projeto. Muitas vezes seduzidos

pelas múltiplas promessas do mundo moderno, fazemos escolhas e cometemos alguns erros graves no que tange à projeção e à realização de nosso ser, que tendem a apagar o último feixe de luz da esperança que carregamos com nossos sonhos e projetos, abandonando-nos no desespero. Entretanto, na vida podem surgir momentos singulares em que ela parece iluminar-se, revelando-nos que ainda existe um sentido. Estes momentos preciosos, que se encontram na esfera do diálogo buberiano, reacendem a chama da esperança, tal como defendida por Marcel, iluminando a nossa existência. É por meio de tais vivências concretas que são construídos os sentimentos de esperança por parte dos educadores em suas relações interpessoais no ambiente escolar violento.

O papel do educador pode ainda ser prejudicado por meio da mediação das instituições, mais precisamente em decorrência da tensão existente entre instituição e pessoa. Ao distinguir as relações interpessoais das relações institucionais, Ricoeur (1968) nos adverte que quando uma instituição se sobrepõe e impõe o papel social, é impossível o encontro entre pessoas, é difícil agir como próximo, não contribuindo para a personalização da pessoa. Contudo, as instituições e as pessoas que se encontram nelas podem proporcionar o encontro e o desencontro, em uma dialética do *socius* e do próximo. O viver bem não se limita às relações interpessoais, mas estende-se à vida nas instituições. É neste sentido que concluímos que a tensão existente entre instituição e pessoa se confirma em nossa análise empírica, mas não é o fim de tudo. Em épocas como a nossa, é imprescindível reconhecer que “o sentido *final* das instituições é o serviço que por intermédio delas se presta às pessoas; se ninguém há que tire delas proveito e crescimento, elas são vãs” (RICOEUR, 1968, p. 111). Assim, por mais difícil que seja, o papel do educador diante do reconhecimento da existência desta tensão será o de ser um samaritano, movido pela compaixão pelo outro; assumindo uma postura dialógica, tendo, em decorrência disso, um mínimo de abertura para que seja possível a vivência da relação Eu-Tu, relação em que se vê o outro como pessoa, como próximo.

Devemos reconhecer que, de fato, a realidade imediata de nossa educação nos dias atuais inclina educadores e pesquisadores a ter uma visão pessimista. Todavia, a contrapartida também existe. Existe esperança em meio ao desespero. Há relações interpessoais portadoras e, acima de tudo, construtoras do sentimento de esperança em nossas instituições escolares. Há o amor ao próximo para além da função social que os professores e demais profissionais inevitavelmente possuem. Sábias são as palavras de Mendonça (2009, p. 48), ao afirmar que “a educação, digna desse nome, para usar outra expressão cara a Buber, exige esperança em meio à dor”. Neste sentido, o papel do educador e da educação em meio à esperança “é recuperar o sentido da vida” (MENDONÇA, 2009, p. 50).

Como falar, então de esperança no clima da finitude essencial e conatural ao homem? Marcel nos aponta a dialética da esperança e do desespero. Em seu entendimento, o filósofo afirma que

desespero e esperança caminham de mãos dadas no ponto tangencial em que esperar, no sentido pleno, pressupõe a consciência permanente do risco existencial. Assim, não existe esperança a não ser onde encontramos a tentação do desesperar. Marcel vai ainda mais além, segundo ele “a esperança só é possível num mundo em que há lugar para o milagre”. Contextualizando para a realidade do papel do educador em meio à esperança, o milagre é o desafio cotidiano lançado à face de todo o homem e, em especial neste trabalho, a todo educador que vem a este mundo, preche de possibilidades de ser, cujo fazer é o seu ser.

Portanto, como vimos, é a esperança que rege o sentido de educação defendido por Martin Buber e neste trabalho. É na vivência de relações dialógicas, em nosso cotidiano, na relação com o outro, que surge o sentimento de esperança que orienta e impulsiona o educador a não desistir do papel ímpar que lhe cabe. Sentimento que faz com que o educador não tenha certeza alguma, mas que também não o coloca em dúvida. A esperança põe o educador a caminho, rumo ao mistério que é o ser humano.

## REFERÊNCIAS

- BUBER, M. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Do diálogo e do dialógico**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1982, 171p.
- \_\_\_\_\_. **El camino del ser humano y otros escritos**. Trad. Carlos Diaz. Madri: Fundación Emmanuel Mounier, 2003.
- MARCEL, G. **Os homens contra o homem**. Portugal: Tipografia Modesta, s/d. \_\_\_\_\_. **Homo Viator: prolegómenos a una metafísica de la esperanza**. Ediciones Sígueme: Salamanca, 2005.
- MENDONÇA, K. **Entre a dor e a esperança: educação para o diálogo em Martin Buber**. Texto Mimeo, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Violência e Diálogo: investigações em torno do campo da sociologia da ética**, 2009, 16p.
- MOUNIER, E. **Introdução aos existencialismos**. Trad. João Benard da Costa. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.
- \_\_\_\_\_. **O personalismo**. Livraria Martins Fontes: Lisboa, 1964.
- \_\_\_\_\_. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Tradução de Antônio Ramos. Lisboa: Morais, 1967.
- RICOEUR, P. **História e verdade**. Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.
- ZILLES, U. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. Porto Alegre: Acadêmica/PUC, 1988.
- ZUBEN, N. A. V. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo**. São Paulo: EDUSC, 2003.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado pleno em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFPA – PPGCS, com ênfase em Sociologia. Integrante voluntário do Projeto de Extensão Universitária Peregrinos da Paz - UFPA. Faz parte do grupo de pesquisa "Violência e Diálogo: investigações em torno da sociologia da ética", da UFPA, coordenado pela Prof. Dr.<sup>a</sup> Kátia Marly Leite Mendonça. Atualmente é docente do curso "Ética para o diálogo" (CAPES/UFPA/PPGCS).

<sup>2</sup> BRITO, Valber oliveira de. **Educação e diálogo**: o papel do educador em meio à esperança. Dissertação (Mestrado em sociologia). Belém: IFCH/UFPA, 2012. 125f.

<sup>3</sup> O critério de escolha dos professores se deu em decorrência de minha participação, como educador, no Programa Novos Talentos, da Capes, em parceria com a Universidade Federal do Pará e com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS; no curso "Ética para o diálogo". O curso tem por objetivo a formação de professores da educação básica, em um diálogo da pós-graduação com a comunidade acerca da ética e da não-violência nos processos sociais. A formação teve a duração de 11 meses, período em que foram colhidos os dados empíricos. Os critérios para que o projeto fosse aprovado era de que o mesmo atendesse, preferencialmente, os professores de rede pública de ensino e, se possível, do entorno da Universidade Federal do Pará. Assim, foram escolhidos, em especial, docentes do bairro do Guamá, em Belém-PA.

<sup>4</sup> Vide BRITO, Valber Oliveira de. Educação Baseada em Valores e Não-Violência: O Projeto Peregrinos da Paz como Intervenção Preventiva em Meio à Violência. Belém: [s.n.], 2008. (Sociologia). Disponível em: < <http://www.peregrinosdapaz.ufpa.br/downloads/documentos/tccvalber.pdf> > Acesso: 6/01/2012.